



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

DA RESISTÊNCIA AO RACIONALISMO À SUBMISSÃO DA HISTÓRIA: CAMINHOS PARA PENSAR O IMAGINÁRIO DO AI-5 NA NARRATIVA JORNALÍSTICA

THE RESISTANCE TO RATIONALISM AND THE SUBMISSION OF HISTORY: WAYS TO THINK THE IMAGINARY OF AI-5 IN THE JOURNALISTIC NARRATIVE

Luana Chinazzo Müller¹

Resumo: Este artigo se configura como um exercício de aproximação entre o conceito de imaginário e o objeto de pesquisa da autora, a narrativa sobre o Ato Institucional N°5 (AI-5) no jornal O Globo. Parte-se das questões “O que é o imaginário para o nosso trabalho?”, “Quais as materialidades possíveis do imaginário em nosso objeto de pesquisa?”, “Como perceber as expressões do imaginário que nos propomos a observar?”, para tencionar objeto e referencial teórico de maneira a melhor compreender a forma que o imaginário assume no projeto proposto. Aprofunda-se as noções de imaginário como resistência ao racionalismo, como aura e como excedente de significação, relacionando-as à pesquisa na qual o imaginário assume duas formas essenciais: algo dinâmico e que excede o objeto de significação.

Palavras-chave: Imaginário. Real. AI-5. Ditadura civil-militar. O Globo.

Abstract: This paper is an exercise of approximation between the concept of imaginary and the object of research of the author, the narrative about Institutional Act No. 5 (AI-5) in the newspaper O Globo. We part from the questions "What is the imaginary for our work?", "What are the possible materialities of the imaginary in our research object?", "How to perceive the expressions of the imaginary that we propose to

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na PUCRS. Bacharel em Jornalismo (Unisinos). É bolsista Capes. E-mail: luana.chinazzo@acad.pucrs.br.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

observe?" in order to better understand the form that the imaginary assumes in the research. We work the notions of the imaginary as a resistance to rationalism, as an aura and as a excess of signification. In this paper imaginary assumes two essential forms: something dynamic and that exceeds the object of signification.

Keywords: Imaginary. Real. AI-5. Military dictatorship. O Globo.

Nossas motivações

Investigar o imaginário é uma forma de resistir ao racionalismo. A partir desse significado, o imaginário ganhou espaço em nossa pesquisa. Nosso tema, antes “a narrativa jornalística”, transformou-se em “o imaginário *na* narrativa jornalística”. O problema de pesquisa passou a incluir as expressões do imaginário presentes na narrativa jornalística. Entretanto, embora estejamos certos de que essa escolha altera o trajeto a ser seguido em nosso estudo e os resultados aos quais chegaremos, ainda não está claro *como* isso o faz. Se o imaginário é uma “museu de todas as imagens passadas”, como afirma Durand (2001, p. 6), como acessá-lo? Sendo uma aura (Maffesoli, 2001), como captá-la?

Embora compreendamos que não haja uma definição fechada, definitiva, mas um conceito em constante construção, o que reforça seu caráter de oposição ao racionalismo, é preciso que alguns pontos estejam bem definidos para que avancemos por esse caminho. Com o objetivo de nos localizar nessa possibilidade de reflexão, as seguintes questões norteiam este ensaio: “O que é o imaginário para o nosso trabalho?”, “Quais as materialidades possíveis do imaginário em nosso objeto de pesquisa?”, “Como perceber as expressões do imaginário que nos propomos a observar?”. Este artigo, portanto, é um exercício de aproximação entre a noção e nosso objeto de pesquisa, a narrativa sobre o Ato Institucional N°5 (AI-5) no jornal *O Globo*.

Antes de iniciarmos, faz-se necessário uma breve explicação sobre nosso projeto de dissertação de maneira a proporcionar ao leitor a compreensão das aproximações que



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

se sucedem neste texto. Reforçamos, entretanto, que o caminho de pesquisa é constituído de idas e vindas e que o nosso objeto pode indicar outras direções ao longo do trajeto. Essa é uma noção importante, a qual o pesquisador deve ter ciência para se livrar de amarras e permitir que o objeto de estudo se revele.

Nossa investigação visa compreender como os eventos políticos de 1968 culminaram no "golpe dentro do golpe", na medida extrema que instaurou os "anos de chumbo" no país. Partimos da pergunta: *Quais expressões do imaginário podem ser percebidas na narrativa de O Globo sobre o AI-5 no ano de 1968?* Por meio da análise de edições pré-determinadas, buscamos reconstruir a narrativa do veículo sobre os principais acontecimentos daquele ano. Buscamos desvelar o sentido atribuído ao vivido pela narrativa do jornal, assim, nos colocamos como um dos olhares possíveis sobre uma das tantas narrativas existentes sobre o vivido.

Convite à resistência

Um dos pontos que deve estar claro sobre este possível caminho reflexivo é o que nos uniu a ele, ou seja, seu caráter de resistência ao racionalismo. Se faz necessário, portanto, retomar na bibliografia já existente, partindo de Durand, ao que o imaginário resiste e como o faz. Segundo o autor (Durand, 1993, 1999), ao longo dos séculos, diferentes sociedades condenaram as imagens, o que pode ser percebido a partir de três estados da “desconfiança iconoclasta” do Ocidente. O triplo iconoclasmo a que Durand (1999) refere inicia-se com os filósofos gregos, em especial Aristóteles, cuja a binaridade entre verdadeiro ou falso exclui qualquer possibilidade de um terceiro elemento que transite entre os dois polos. A verdade só é alcançada a partir da experimentação e da lógica. Nesse contexto racional, a imagem que não se pode reduzir nem em verdadeira, nem falsa é marginalizada, considerada ambígua. “Incapaz de permanecer bloqueada no enunciado claro de um silogismo, ela propõe uma ‘realidade velada’ enquanto a lógica aristotélica exige ‘clareza e diferença’” (Durand, 1999, p. 10).

O segundo estado de “extinção simbólica” do qual Durand (1993, 1999) aborda é escolástica medieval, que reuniu o racionalismo aristotélico e a fé religiosa formando a doutrina da Igreja Romana que seria replicada nas Universidades administradas pelo



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

clero católico. Por fim, a mais recente manifestação iconoclasta decorre do cientificismo cartesiano, a partir de Descartes, que sobrepôs o signo, materialização da matemática, ao símbolo. O pensamento moderno, que também considera a razão como o único meio de se chegar à verdade, considera que apenas a ciência objetiva produz conhecimento, relegando as imagens à marginalização intelectual. Um quarto momento é considerado pelo autor a partir do século XVIII e que permanece até hoje: o empirismo factual. O racionalismo é aprofundado a partir dos fatos e fenômenos relacionados à argumentação racional. Esta tradição em que ainda estamos mergulhados se materializa no cientificismo e no historicismo.

As duas filosofias que desvalorizarão por completo o imaginário, o pensamento simbólico e o raciocínio por semelhança, isto é, a metáfora, são o cientificismo (doutrina que só reconhece a verdade comprovada por métodos científicos) e o historicismo (doutrina que só reconhece as causas reais expressas de forma concreta por um evento histórico) (Durand, 1999, p. 14-15).

Contudo, a resistência ao pensamento racionalista também esteve presente, mesmo que mais discretamente, ao longo dos séculos. Durand (1999) destaca que Platão, mestre de Aristóteles e também defensor do racionalismo, já reconhecia o mito como uma verdade cuja razão não consegue alcançar. Do século V a.C. ao XXI d.C., mesmo que depreciada, a imagem teve momentos de ascensão, como no Romantismo, no Simbolismo e no Surrealismo, culminando na rebelião imagética pós-moderna. A partir de Durand, o imaginário se firmou academicamente como um campo de estudo seguido por outras gerações de estudiosos. Mesmo que ainda marginalizado, a noção de imaginário ganha, aos poucos, espaços na sociedade. Deixou de ser restrito à academia e tornou-se um termo quase viral, está na mídia, no senso-comum, na linguagem cotidiana (SILVA, 2003).

Contrário à lógica binária do racionalismo, para Durand, como descreve Maffesoli (2016), as estruturas humanas necessitam uma lógica ternária, que inclui o terceiro elemento. Essas estruturas complexas se caracterizam pelo antagonismo, pelo paradoxo. E o paradoxo não abandona o autor, ao mesmo tempo em que critica o racionalismo aristotélico, Durand defende “uma razão interna”, a busca do real por meio



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

do irreal. No imaginário, o antagonismo se revela em estruturas “plurais e irreduzíveis” por meio das quais ele se articula. Durand (1993, 1999) as compreende como regimes diurno e noturno, dois universos opostos, que se harmonizam em um sub-universo, o sintético.

Posto isso, de que maneira o caráter de resistência dos estudos do imaginário impactam nossa pesquisa? Compreendemos que as relações entre a tríade história, mídia e poder, cerne de nosso trabalho, não podem ser reduzidas a dicotomias, como verdadeiro ou falso. Embora tenhamos uma posição firme e contrária à ditadura civil-militar e que haja uma extensa bibliografia que demonstra a colaboração ou oposição de veículos de comunicação ao golpe e aos anos de terrorismo de Estado que se seguiram, não cremos que o binarismo sirva para a análise desse período, como de nenhum outro. As relações sociais são compostas por estruturas complexas, permeadas por imaginários não estáticos, em constante dinamização. Buscar percebê-los, captar suas expressões é um importante passo para a compreensão de um período histórico e é algo pouco feito na academia, muito por nossa tradição racionalista, descrita anteriormente, que marginaliza a imagem simbólica.

“Não é preciso, mas é necessário”²

Ao pensar o *imaginário*, consideramos as essenciais contribuições do antropólogo francês Durand, mas focamos nas concepções de dois de seus herdeiros intelectuais, Michel Maffesoli e Juremir Machado da Silva. Ambos pensam o conceito a partir de uma perspectiva social, para eles, diferente de Durand, o imaginário existe por compartilhamento. É algo que transcende o indivíduo e funciona como “cimento social”. Para Maffesoli, o imaginário individual expressa o imaginário do grupo no qual o sujeito está inserido. “O imaginário é determinado pela ideia de fazer parte de algo” (Maffesoli, 2011, p. 80).

O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra — estátua, pintura —, há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. Esta é a ideia fundamental de Durand: nada se pode compreender da cultura caso não se aceite que existe uma espécie de “algo mais”, uma ultrapassagem, uma superação da cultura. Esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário. (Maffesoli, 2001, p. 75).

Para Silva (2003, p. 8-9), o imaginário é “[...] uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção [...] Todo indivíduo submete-se a um imaginário preexistente. Todo sujeito é um inseminador de imaginários”. Ele garante a existência das sociedades e do próprio homem. É partilha de afeto, sensações, sentido, lembranças. Ao mesmo tempo que é uma aura, uma energia, algo intangível, é um patrimônio societal (Silva, 2003). Segundo o autor, o imaginário pode ser e é muitas coisas, ele nomeia de *termo horizonte*: “[...] sinaliza uma referência que funciona como norte mesmo que não possa ser considerada uma bússola” (Silva, 2016, p. 64).

Enquanto para Maffesoli só há imaginário social, Silva considera a existência de imaginário individual e coletivo em uma relação de assimilação e retroalimentação. O imaginário social desenvolve-se por contágio: aceitação do modelo do outro, disseminação e imitação. O individual acontece por identificação, apropriação e distorção. Para ambos autores, não se exclui a autonomia dos sujeitos, não há determinismo na concepção de imaginário dos autores, há sempre brecha para desvios. “O imaginário é uma língua. O indivíduo entra nele pela compreensão e aceitação das suas regras; participa dele pelos atos de fala imaginal (vivências) e altera-o por ser também um agente imaginal (ator social em situação)” (Silva, 2003, p. 9).

Só há imaginário na medida em que existe um real. O imaginário funciona com um acréscimo do real, não podendo prescindir dele. O que é o real? O existente sem significação atribuída pelo imaginário. [...] O imaginário é o sentido que redimensiona o fato sem que se possa anulá-lo por iluminação. (Silva, 2017, p. 25).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Como excedente de significação, ou seja, o que dá sentido ao vivido, o imaginário é uma realidade mais real que o próprio real, por isso Silva (2017) o chama de hiper-real. É mais que o real, porque é uma realidade que ganhou sentido. O imaginário transfigura a realidade, confere um caráter extraordinário, uma dimensão fantástica, um grau de surrealismo

O hiper-real forja a percepção de que algo é mais real que o real [...] é o cartão postal que elimina as impurezas do real e impõe uma estética incontornável por subtração [...] é a trilha sonora dos personagens da telenovela. Diante do hiper-real, o rústico, o real faz figura de coadjuvante ou de espetáculo antes da produção (SILVA, 2010, p. 45-46).

O imaginário e o real são coisas diferentes, um opõe-se ao outro e ambos se completam. O imaginário é o excedente do real, ele não faz parte do real, mas acrescenta a este uma camada de sentido, uma aura (Silva, 2017). Embora o imaginário não seja o real, também não deve ser entendido como irracional ou irreal, ele é vivido como uma verdade, não é uma ilusão ou uma mentira e nunca é fictício. O imaginário é involuntário e emana do real, funciona como distorção do vivido, supre o vazio racional deste (Silva, 2003). Como excedente de significação, ou seja, o que dá sentido ao vivido, o imaginário é uma realidade mais real que o próprio real, por isso Silva (2017) o chama de hiper-real. É mais que o real, porque é uma realidade que ganhou sentido.

A proposta de perceber o imaginário como excedente de significação é trabalhada por Silva em seu último livro *Diferença e descobrimento: o que é imaginário?* (2017). A hipótese radical, como o autor nomeia, sugere compreender o imaginário como fluxo e relações universais. Com referência às fases da bacia semântica de Gilbert Durand (2001) – escoamentos, divisão das águas, confluências, o nome do rio, organização dos rios, esgotamento dos deltas –, Silva (2017, p. 82-85) sugere nove etapas de “canalização e disseminação”, são elas: 1. Vazamento: um fio de sentido escapa de um acontecimento; 2. Infiltração: o sentido vazado encontra uma brecha e contamina outro espaço; 3. Acumulação: uma formação líquida cresce a partir da infiltração; 4. Evocação: retorno à nascente do vazamento por meio da memória, movimento que realimenta a infiltração; 5. Transbordamento: o acontecimento inicial é



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

superado pelo acúmulo de evocações, transbordando o sentido que formará outros acúmulos líquidos; 6. Deformação: a partir do transbordamento, o material inicial sofre alterações em sua forma; 7. Transfiguração: o excesso de sentido se transforma em um novo sentido; 8. Metáfora: cristalização do imaginário; 9. Derretimento e evaporação: novos tempos surgem e o imaginário muda.

A compreensão do processo desenvolvido por Silva (2017), bem como da bacia semântica de Durand (2001) é de grande importância para o entendimento das dinâmicas do imaginário. Os autores adotam a imagem das águas para explicar a formação, cristalização e dissolução simbólica do imaginário. Como aura, o imaginário é fluido, como excedente de significação, acrescenta sentido ao real. Na minha pesquisa, compreendo o imaginário dessas duas formas: como algo dinâmico, nunca estático e que excede meu objeto de significação, que gera sentido a ele, além do significado do próprio evento.



Imaginário e jornalismo

A primeira aproximação entre imaginário e o campo da comunicação foi feita por Maffesoli, como explicam Tonin e Azabel (2016). Para o autor, por meio das imagens, há partilha, comunhão, vínculo. O imaginário é o compartilhamento de fragmentos de mundo entre pessoas e as informações organizam esses pedaços dispersos em uma narrativa própria da sociedade em que estão inseridos. “Chora-se, ri-se, sapateia-se em uníssono, e assim, sem que se esteja realmente em presença dos outros, cria-se uma espécie de comunhão [...] Trata-se de uma ordem comunicacional, simbólica em seu sentido mais forte” (Maffesoli, 1995, p. 77-78).

Por sua vez, Silva (2010) dedica uma obra para abordar a questão, a partir da noção de tecnologias do imaginário (TI). Para o autor, embora não possa ser imposto e não seja controlável, o imaginário também não surge do nada. As tecnologias do imaginário são dispositivos “[...] de produção de mitos, de visões de mundo e de estilos de vida” (Silva, 2010, p. 22), que estabelecem o laço social, e constroem e cristalizam sentidos. O autor pensa a contemporaneidade, ou a pós-modernidade, a partir da perspectiva de sociedade do espetáculo (Debord, 2017), na qual as TI transcendem seu caráter informativo, povoando o universo mental. As TI pressupõe sedução e adesão, não manipulação ou controle.

Silva (2010) destaca três momentos de construção imaginal de acordo com as tecnologias predominantes: fase primitiva, fase industrial e fase pós-industrial ou virtual. Nessa divisão, os jornais impressos são compreendidos como tecnologias industriais informativas, há ainda as artísticas e mercadológicas. Estas últimas categorias não fixas, as TI podem se apresentar como meios (jornal), como técnica (jornalismo) ou como expressão (narrativa factual). Ele destaca que a mídia reúne todas as características das TI: informação, arte e entretenimento.



Imaginário do AI-5 na narrativa jornalística

Maffesoli (2012) sugere que, para compreendermos o real, o imaginário torna-se um elemento de suma importância. “[...] só se pode captar real a partir do que é, aparentemente, seu contrário: o irreal [...] E, se quisermos captar a lógica íntima de um acontecimento, ou de uma série de acontecimentos, talvez seja bom saber perceber toda sua carga imaginária” (Maffesoli, 2012, p. 106). A opção por esta linha de reflexão vai ao encontro desse pensamento, compreendemos que buscar o que está além do concreto é a única maneira de realmente perceber um evento. A primeira consideração que chegamos é que o imaginário é uma verdade, existe e está em tudo, a questão não é sua presença, mas sua materialidade.

Silva (2016, p. 65) já havia alertado que “as pesquisas sobre os imaginários pesquisam, ao mesmo tempo, a noção de imaginário”. É preciso testar hipóteses, explorar, assumir que a ciência nunca é neutra que a vida não é binária. É necessário reunir fragmentos e preencher as lacunas por aproximações, especulações e imaginação. O imaginário é alimentado pela ambiguidade, pelos paradoxos, pelos jogos de palavras, pelas diferenças semânticas. O imaginário transfigura o real ao preenchê-lo de sentido. É esse sentido que nutre o imaginário e transmuta o real que deve ser buscado (Silva, 2017).

Em nosso entendimento, na narrativa jornalística, o imaginário aparece na passagem do real ao hiper-real. Para nossa pesquisa, ele pode ser pensado a partir dos sentidos construídos em torno do AI-5. Compreendemos o imaginário de duas formas: como algo dinâmico, nunca estático e que excede nosso objeto de significação, que gera sentido a ele, além do significado do próprio evento. No plano do imaginário, para o jornal *O Globo* de 1968, o AI-5 não é apenas um decreto, ele é significado por diversas expressões imaginárias.

Na matéria “Gama e Silva: Ato Institucional visa a preservar a Revolução e a defender o regime”, de 14 de dezembro de 1968, dia seguinte da promulgação da ordem (ANEXO A), o AI-5 é apresentado como medida de combate à forças adversas, é a tranquilidade do país, é sossego político, é resistência à subversão e aos traidores, é



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

medida excepcional para garantir os objetivos da Revolução de 1964, é a defesa dos interesses do povo brasileiro, é um sacrifício necessário. Essas características que vão além do evento, excedendo-o de significação são as expressões imaginárias que observaremos em nossa pesquisa (O GLOBO, 14 dez. 1968, p. 10).

Imaginário e História estão intimamente ligados. Silva (2017) alerta para a distorção das imagens passadas no presente e pela modificação das histórias pelos desejos de cada época. O imaginário é repetição e diferença, uma narrativa que reinventa-se a cada repetição. Nunca é estático: dinamiza-se e renova-se. A história não deixa de ser uma construção narrativa que varia conforme as épocas e a visão de mundo hegemônica.

O imaginário recobre a história com seu véu de apropriações particulares. Singular no universal. O imaginário impõem-se como uma história à margem da História, uma narrativa de rodapé a partir daquilo que não cabe no corpo do texto principal. [...] História é, ao mesmo tempo, aquilo que se vive e, especialmente, aquilo que já se viveu, aquilo que se conta e, fundamentalmente, aquilo que conta, aquilo que se agenda para ser contado. O acesso ao que se vive sofre uma interdição definitiva. Nunca será possível um retorno total ao acontecimento. [...] A relação entre história e imaginário é tecida 8 com sutilezas de lenda, de legenda, de inscrição e de mito (SILVA, 2017, p. 88-89).

Há um real incontornável, neste caso a promulgação do AI-5 e suas consequências, mas que não pode ser revisitado e que é reconstruído a partir do imaginário de cada geração. Todo imaginário é histórico e toda História está submetida ao imaginário.

Partimos da premissa que a pesquisa científica deve trazer à tona o que está submerso, que deve revelar, ou ainda, desvelar, ou seja, “[...] tirar o véu que encobre o objeto”, mostrar o que não pode ser visto na superfície (SILVA, 2010, p. 29); que só há uma “pro-dução” quando o pesquisador consegue desencobrir o encoberto. Essas afirmações compõem a noção de narrativas do vivido de Silva (2003; 2010). Para o autor, de maneira semelhante a uma reportagem jornalística, em que se cobre para descobrir, a pesquisa é um meio e recobrimento do objeto estudado, que busca revelar o que a familiaridade esconde. Nesse processo, o pesquisador deve considerar por três



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

momentos: estranhamento, entranhamento e desentranhamento. Deve trocar de lente, sair de seu lugar por meio do estranhamento, para em seguida mergulhar no desconhecido, entrar no objeto, para, então, retornar a si, a fim de dialogar com o texto analisado (SILVA, 2013; 2010).

Silva (2010, p. 25) destaca a importância da narrativa ao afirmar que: “Os fatos só existem como narrativas, entre as quais a jornalística, como reconstruções”, ou seja, é por meio das narrativas sobre o vivido que conhecemos o mundo. As narrativas do vivido, método desenvolvido nesta dissertação, parte de uma importante pergunta: “De onde olha quem olha?”. De onde olha o jornalista que escreve uma reportagem? De onde olha o pesquisador que busca recuperar a narrativa sobre o vivido 50 anos atrás?

As narrativas do vivido pressupõem uma abordagem compreensiva por parte do pesquisador, que deve se preocupar em deixar o social falar ao invés de tentar explicá-lo ou apresentar soluções. Para que o desenvolvimento do método que optamos é preciso:

- Leitura
- Releitura
- Crítica (põe em crise, busca as sombras);
- Escolha e cruzamento de pontos de vista
- Definições transitórias de paradigmas
- Dialógica subjetividade (olhar do narrador, vozes dos personagens da - narração)/ objetividade (esforços rigorosos de coleta de dados que informe sobre o objeto e possam até desconstruir o olhar do narrados e dos sujeitos/objetos da narração)
- Interpretação (SILVA, 2003, p. 90).

O que propomos nesta pesquisa é sairmos de nosso lugar e mergulharmos em uma determinada narrativa – a narrativa sobre o AI-5 no jornal *O Globo* – para, então, ao retornamos, narrar o vivido e des(en)cobrir as camadas do imaginário. Buscar o real no imaginário e o imaginário no real.



Início de um caminho

Para finalizar este ensaio, retomamos as questões levantadas inicialmente para tentar respondê-las com base no referencial teórico exposto. A primeira delas, “O que é o imaginário para o nosso trabalho?”, acreditamos que esteja muito mais clara neste momento. A priori, o imaginário em nossa pesquisa se apresenta como o excedente de significação (Silva, 2017), como os sentidos atribuídos pelo jornal *O Globo* ao AI-5 e seus desdobramentos. Assim, recuperando outra pergunta, o imaginário se materializa em nosso objeto de pesquisa em adjetivos, jogos de palavras, juízo de valores, fotografias e ilustrações, caracterização de personagens envolvidos, diagramação (estilo) da capa e da página, elementos metanarrativos. Tudo aquilo que gera partilha de sentimentos, afeto, sensibilidade.

Sodré já havia afirmado, abordando a narração do fato, que:

Por mais que o jornalismo desfralde a bandeira da reprodução da realidade, o seu funcionamento discursivo permanece no campo dos índices de um imaginário transcultural, em que a narrativa fascinante do destino é tão forte ou mais forte do que as pressões realistas da história (SODRÉ, 2009, p. 230-231).

Tencionando a afirmação do autor (SODRÉ, 2009) com o referencial teórico sobre imaginário apresentado, percebe-se que ela está de acordo com a concepção de hiper-real que Silva (2010) apresenta. A narrativa jornalística, além de produzir o acontecimento discursivamente, se auto afirma como detentora de imparcialidade e objetividade. Como o espelho do real, o jornalismo, muitas vezes, reflete mais precisamente o fato do que a observação direta deste possibilita. A narrativa jornalística não apenas narra o fato, ela atribui sentido a ele.

Para aproximar o pesquisador das expressões do imaginário, Silva (2003) propõe como metodologia as *narrativas do vivido*. A partir de três passos: *estranhamento* do outro (do objeto de pesquisa); *entranhamento* no outro e *retorno* a si mesmo; o método intenta descrever, relatar, levantar diferentes pontos de vista, ambiguidades, fazer falar, relacionar, construir perfis, entre outros movimentos. Trata-se de observar um fenômeno compreensivamente, metodologia criada por Max Weber e adaptada por



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Maffesoli (2010). A tarefa do pesquisador, que assume papel de narrador do vivido e do imaginário, é “[...] mostrar a presença do imaginário no concreto, do concreto no imaginário, identificar a força imaginal [...] assaltar o passado para conquistar o presente (Silva, 2003, p. 86).

Acreditamos que este exercício de aproximação foi de grande valor à pesquisa que desenvolveremos. Foi intenso mergulhar nesta possibilidade de reflexão. Neste processo, algumas certezas mudaram, muitas dúvidas surgiram, mas tantas outras coisas novas foram compreendidas. Terminamos este texto certos que o imaginário é uma realidade que precisa ser desvelada para o melhor entendimento de um fenômeno. É uma instância que queremos abraçar com nossa pesquisa, pois consideramos de grande importância acadêmica e social. A prática que desenvolvemos neste artigo, ainda que exitosa ao nosso ver, é só o começo de um longo caminho intelectual a ser trilhado.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Referências

- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: 2017.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica**. 6. Ed. Lisboa: Edições 70, 1993.
- _____. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.
- HERS, D. **A história secreta da Rede Globo**. 14. ed. São Paulo: Ortiz, 1991.
- MAFFESOLI, M. “O imaginário é uma realidade” (entrevista a Juremir Machado da Silva). **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2011.
- _____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. Compreender o real a partir do irreal. In: TONIN, J.; AZUBEL, L. (Orgs.). **Comunicação e imaginário**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 11-16.
- _____. **O conhecimento comum**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- _____. **O tempo retorna**: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- O GLOBO. **Gama e Silva**: Ato Institucional visa a preservar a Revolução e a defender o regime. Rio de Janeiro, 14 dez. 1968, p. 10.
- SILVA, J. M. **Diferença e descobrimento**: O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- _____. Em torno de uma noção de imaginário. In: TONIN, J.; AZUBEL, L. (Orgs.). **Comunicação e imaginário**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 59-68.
- _____. **Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- TONIN, J.; AZUBEL, L. O trajeto antropológico do imaginário na comunicação. In: _____. (Orgs.). **Comunicação e imaginário**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 69- 84.

